

textos

Capinan e o movimento dos barcos

Eliete Eça Negreiros

A

Algumas músicas causam tal impacto na vida da gente que se tornam um marco em nossa existência, talvez pela capacidade que têm de expressar de modo poético o espírito de uma época ou o alumbramento de um instante, ou alguma verdade que estava ali, dispersa, ansiando um dia ser dita ou encontrada. Quase como magia, muitas canções são, assim, a expressão de uma infinidade

Este texto é uma adaptação para versão impressa do artigo escrito para o blog *Questões Musicais* da revista *Piauí*.

ELIETE EÇA NEGREIROS é cantora, doutora em Filosofia pela FFLCH-USP e autora de *Ensaio a Canção: Paulinho da Viola e Outros Escritos* (Ateliê).

de sentimentos, emoções, impulsos, pensamentos, uma iluminação interior, ordem sutil no caos que se move dentro da gente e que busca encontrar uma forma que o contenha e o apazigue e que lhe dê sentido.

José Carlos Capinan, quando compôs “Movimento dos Barcos”, deu voz a uma geração, ao estado de espírito de uma época, que assumia a mudança e a transformação como filosofia de vida. E era a minha geração. Ansiávamos por mudanças na estrutura familiar, na sociedade, no modo de ser e de estar no mundo. Queríamos abrir a boca e falar aquilo que se passava conosco, em nosso interior, quebrar a casca da aparência que estava sufocando a exuberância da nossa juventude. Queríamos um mundo mais fraterno, mais justo. Tanta miséria, tanta desigualdade, tanta opressão. Haveria de existir um outro modo de o mundo e a gente ser.

Anos 70. Fizemos dos amigos nossa família. Misturamos política e existencialismo e vivemos todos os conflitos que disso resultou. Queríamos abraçar o movimento, passar junto com o tempo – “as coisas passando eu quero/ passar com elas, eu quero/ e não deixar nada mais do que as cinzas de um cigarro/ e a marca de um abraço no seu corpo não”.

Transitoriedade, transformação, impermanência, descoberta de si, do outro, do mundo, mudança de costumes. “É impossível levar um barco sem temporais/ e suportar a vida como um momento além do cais”. Antropofagicamente nos apropriamos do lema da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade, Fraternidade –, sob um outro ângulo, sob o sol dos trópicos, *terra brasilis*. “Não sou eu quem vai ficar no porto chorando, não,/ lamentando o eterno movimento,/ movimento dos barcos, movimento”. Como cantei e toquei esta canção, incontáveis vezes. Por um

tempo foi minha voz, a voz do meu ser, foi o meu hino, ou melhor, meu mantra. Chegava em casa, pegava o violão e ficava cantando. Uma oração. E também como a escutei com Bethânia e Macalé. Jards Macalé e Capinan. Nosso poeta Capinan e sua sabedoria. E eu também não queria “ficar no porto chorando, não,/ lamentando o eterno movimento,/ movimento dos barcos, movimento”. Queria celebrar a passagem dos dias e das horas, “as coisas passando, eu quero/ passar com elas, eu quero”.

A poética de Capinan é multifacetada, tanto na temática quanto na forma. Há canções com temas regionais, que falam do Nordeste, como “Ponteio”, “Viola Fora de Moda”, com influência da literatura de cordel – “Disso eu me encarrego/ Moda de viola/ Não dá luz a cego, ah, ah” –, e outras de um lirismo puro de histórias encantadas que lembram as brincadeiras da infância no sertão, como “Cirandeiro” – “Ó cirandeiro, ó cirandeiro, ó,/ a pedra do teu anel/ brilha mais do que o sol”.

Sobre isso, Capinan falou a Torquato Neto numa entrevista em 1967:

“Torquato: Sente-se forte influência temática e formal de literatura de cordel em suas letras. Por quê?

Capinan: Na linguagem, na estrutura e também na escolha de personagens, como em ‘Viramundo’, há, realmente, essa influência. A literatura de cordel, as rodas infantis, aboios, sambas de roda, etc., fazem parte de minha infância – e eu conservo ainda, com emoção, muitas das coisas que aprendi e me comoveram, nos primeiros momentos”.

Outras canções são de profunda reflexão sobre a vida, o amor, a morte, letras de

uma beleza estranha e estonteante, como a valsa “Vinhos Finos... Cristais”, em parceria com Paulinho da Viola, que me impressionou tanto, com seu eco baudelairiano – “o amor doente entre os dentes da saudade [...] chão, caixão, escada/ apenas um jogo de palavras entre tudo e nada/ entre os dentes podres da canção”; como “Orgulho”, também em parceria com Paulinho da Viola, poesia surpreendentemente moderna e barroca ao mesmo tempo – “não se usam mais os pés dourados/ nem as promessas de um amor/ ornamentado e vazio” –, e que termina com uma das mais belas frases sobre a natureza do tempo – “O tempo é um pássaro/ de natureza vaga” –, e que me fez lembrar Santo Agostinho, que nas *Confissões* se pergunta: “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”. “O tempo é um pássaro/ de natureza vaga”: explicar não explicando, assim faz Capinan e, assim, chegamos mais perto do mistério do tempo, tocamos a sua margem invisível, sedutora e volátil. Nos atreveríamos a mergulhar?

Que letras deslumbrantes! Eu conhecia essas canções sem me dar conta de que quem falava através delas era Capinan. Aos poucos fui reconhecendo a face do poeta, que já estava ali, revelada e oculta, naqueles versos. O grande poeta e letrista José Carlos Capinan nasceu em Esplanada, na Bahia, em 19 de fevereiro de 1941. Em 1960 foi para Salvador, onde fez faculdade de Direito e curso de Teatro no Centro Popular de Cultura. Em 1963 escreveu a peça *Bumba Meu Boi*, musicada por Tom Zé. Em 64, com o golpe militar, precisou deixar Salvador e veio para São Paulo. Aqui, conheceu Geraldo Vandré, Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal,

novos amigos que o apresentaram ao meio musical paulistano. Na sequência, conheceu Edu Lobo, que viria a ser um de seus grandes parceiros, ao lado de Paulinho da Viola, Gilberto Gil, Jards Macalé, Caetano Veloso e outros.

Capinan participou ativamente dos movimentos culturais que agitavam o Brasil na década de 60, como o Centro Popular de Cultura (CPC), a Feira de Música, juntamente com Paulinho da Viola, Caetano Veloso, Torquato Neto e Gilberto Gil, e o Tropicalismo, com Caetano, Gil, Torquato, Tom Zé, Mutantes, Nara Leão, Rogério Duarte, Rogério Duprat e Gal Costa. Em 1965 compôs, em parceria com Caetano, a trilha sonora do filme *Viramundo*, de Geraldo Sarno. Na música-título, seu parceiro é Gilberto Gil: “Sou viramundo virado,/ Na ronda das maravilhas,/ Cortando a faca e facão/ Os desatinos da vida”.

Foi em 1965 que Capinan teve sua primeira música gravada, “Ladainha”, parceria com Gil: “Festa de morto é ladainha/ Medo de vivo é solidão/ Luto por amor e morro/ De facas no coração”.

No ano seguinte concorreu ao II Festival de Música Popular da Record, com “Canção para Maria”, em parceria com Paulinho da Viola e interpretada por Jair Rodrigues.

Em 1967, “Ponteio”, composição sua e de Edu Lobo, seria a vencedora de um dos mais agitados e importantes festivais de música do país, o III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record. Dentre as músicas que concorriam estavam “Alegria, Alegria” (Caetano Veloso), “Domingo no Parque” (Gilberto Gil), “Roda-viva” (Chico Buarque), “Eu e a Brisa” (Johnny Alf), “A Estrada e o Violeiro” (Sidney Miller). Foi nesse festival que Sérgio Ricardo perdeu o controle diante de

uma plateia ensandecida que não parava de vaiar e não o deixava cantar “Beto Bom de Bola” e quebrou seu violão, arremessando-o ao público. “Ponteio” foi interpretada por Marília Medalha, Edu Lobo, grupo vocal Momento Quatro e o Quarteto Novo, que era formado por nada mais nada menos que Hermeto Pascoal, Heraldo do Monte, Airto Moreira e Théo de Barros.

Zuza Homem de Mello, em *A Era dos Festivais*, faz uma análise da composição de Capinan e Edu Lobo:

“[...] dividida em três segmentos, A-A-B-C-C, sendo B (*Parado no meio do mundo...*) menos um arremate à primeira parte, A, do que um preparatório para o refrão, C (*Quem me dera agora...*), o qual é muito bem explorado à medida que a música avança. A letra de Capinan, de raiz sertaneja, tinha uma interação política bem ao gosto da plateia mais politizada, com alusões certeiras ao desejo de mudança: *Certo dia que sei por inteiro/ eu espero, não vá demorar/ este dia estou certo que vem/ digo logo o que vim pra buscar (...) vou ver o tempo mudado/ e um novo lugar pra cantar*. Era o bordão contra a ditadura militar, o mesmo que havia em ‘Arrastão’ e em ‘Disparada’ e que fazia a plateia inflamar-se. Ao mesmo tempo, o arranjo, magnificamente elaborado, teria o destino de empolgar o mais indiferente dos ouvintes. Após uma introdução de viola e violão com percussão e flauta, Edu e Marília cantam em uníssono a canção completa, sendo que, na terceira vez do refrão, Théo troca o violão pelo contrabaixo, dando mais peso ao acompanhamento. Na primeira repetição da música, com outra letra, a flauta de Hermeto faz um comentário que lembra uma banda de pífanos, iniciando num crescendo

com outros componentes: a entrada do grupo vocal no refrão, os ‘ponteio!’ ecoando nas brechas e um longo ‘ponteá’ harmonizado que substitui a introdução. Na terceira repetição, a contagiante percussão de Airto é ainda mais ressaltada, o quarteto vocal faz uma cama para o casal de solistas e entram palmas no refrão que, após um ‘láá la-iaá’, é repetido modulado, com mais palmas no refrão e escalas eficazes bem nordestinas da viola de Heraldo. O ritmo do baião é acelerado até a culminante frase final *‘Quem me dera agora/ eu tivesse a viola pra cantar’*”.

Também em 1967, Maria Bethânia grava “Cirandeiro”: *“Ó cirandeiro,/ Ó cirandeiro, ó,/ A pedra do teu anel/ Brilha mais do que o sol”*. E Edu Lobo, “Corrida de Jangada”, gravada depois por Elis Regina, ambas em parceria com Edu: *“Meu mestre deu a partida,/ É hora vamos embora/ Pros rumos do litoral/ Vamos embora/ Na volta eu venho ligeiro/ É hora vamos embora/ Eu venho primeiro/ Pra tomar seu coração”*.

Gilberto Gil, no LP *Louvação*, grava “Água de Meninos” – *“Na minha terra, Bahia,/ Entre o mar e a poesia/ Tem um porto, Salvador,/ As ladeiras da cidade/ Descem das nuvens pro mar/ E num tempo que passou/ Toda a cidade descia/ Vinha pra feira comprar”* – e “Viramundo”, ambas em parceria com Capinan.

Em 1968, no LP *Caetano Veloso*, que contém “Alegria, Alegria”, Caetano grava “Clarice”, parceria com Capinan – *“Clarice era morena/ Como as manhãs são morenas/ Era pequena no jeito/ De não ser quase ninguém// Que mistério tem Clarice?/ Que mistério tem Clarice?/ Pra guardar-se assim tão firme no coração?”* –, e também “Soy Loco por Ti América” (Gilberto Gil

e Capinan), escrita pouco depois da morte de Che Guevara – “El nombre del hombre muerto/ Ya no se puede decirlo, quién sabe?/ Antes que o dia arrebente,/ Antes que o dia arrebente,/ El nombre del hombre muerto./ Antes que a definitiva noite se espalhe em Latinoamérica/ El nombre del hombre es pueblo/ El nombre del hombre es pueblo”.

Nesse mesmo ano, Capinan participa da gravação do antológico LP manifesto da Tropicália *Panis et Circensis*, com “Miserere Nobis”, parceria com Gilberto Gil: “Miserere-re nobis/ Ora, ora pro nobis/ É no sempre será, ô, Iaiá/ É no sempre, sempre serão”.

Também em 68, Capinan, em parceria com Jards Macalé, participa do IV Festival Internacional da Canção (TV Globo) com a irreverente “Gotham City”. A plateia conservadora se escandalizou. Conta o jornalista e crítico musical Carlos Calado, em seu livro *Tropicália, a História de uma Revolução Musical*:

“Na melhor tradição tropicalista, usando uma longa bata colorida, para cantar a provocadora ‘Gotham City’, que fez em parceria com Capinan, Macalé já entrou no palco do Maracanãzinho aos gritos: ‘Cuidado! Há um morcego na porta principal! Cuidado! Há um abismo na porta principal!’”.

O grande encontro de Capinan e Jards Macalé será celebrado na gravação do LP *Jards Macalé*, de 1972, disco que foi cultuado e escutado até a exaustão na época da ditadura militar por uma geração que se sentia oprimida, sufocada num mundo sem horizontes, buscando alguma saída; disco de tom desesperado, desiludido, diário sentimental e existencial da geração dos anos 70, de nossas ilusões perdidas. Em minha

casa, na Rua Cardeal Arcoverde, 845, em Pinheiros, região em que moravam muitos artistas, estudantes e intelectuais, a maioria ligada à Universidade de São Paulo, e que chamávamos de nosso Quartier Latin, ouvimos muito esse disco, eu e meus amigos Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção. Eu cantava “Movimento dos Barcos” e “Meu Amor Me Agarra & Geme & Treme & Chora & Mata”: “Meu amor é um tigre de papel/ Range, ruge, morde, mas não passa/ De um tigre de papel”.

Deslumbrantes canções nasceram nos anos 70 e 80 do encontro de Capinan e Paulinho da Viola. Em 1971, Paulinho da Viola grava “Vinhos Finos... Cristais” e “O Acaso Não Tem Pressa”. Em 1972, no LP *A Dança da Solidão*, mais duas joias dessa parceria: “Orgulho” e “Coração Imprudente” – “O que pode fazer/ Um coração imprudente/ Se não fugir um pouquinho/ De seu bater descuidado/ E depois/ De cair no chorinho/ Sofrer de novo o espinho/ Deixar doer novamente”.

Em 1978, “Sofrer”: “Sofrer/ Não faço outra coisa na vida/ A minha alma sofrida/ Quer descansar sem saber/ Como abandonar de vez/ Esta pele ferida/ Maltratada e curtida/ Tudo que a vida me fez”.

Em 1983, no LP *Prisma Luminoso*, Paulinho da Viola grava mais duas parcerias com ele: “Mais que a Lei da Gravidade” – “O grão do desejo quando cresce/ É arvoredo, floresce/ Não tem serra que derrube/ Não tem guerra que desmate/ Ele pesa sobre a terra/ Mais que a lei da gravidade” – e “Prisma Luminoso” – “Arreponder-se nunca mais,/ Amar nunca é demais,/ Sofrer faz parte deste jogo,/ Amor é fogo,/ Pode queimar,/ O choro é um prisma luminoso,/ Meu coração não tem mais medo de chorar”.

Para terminar este mergulho na obra de Capinan, quero apontar a presença marcante em sua poética do elemento água e toda a simbologia que daí advém. Água do mar, água do rio, Yemanjá e Oxum, lágrima e origem da vida, lição de constante transformação, imagem líquida do tempo, heraclitiana, que

percorre o corpo diáfano das letras das canções de Capinan, as quais, dialeticamente, passam e permanecem em nossa vida, pois “O tempo é como o rio/ Onde molhei o cabelo de minha amada/ Água limpa que não volta/ Como não volta aquela antiga madrugada” (“O Tempo e o Rio”, Edu Lobo e Capinan).